

A *hybris* no Édipo Rei*

Roberto Bolzani Filho

Professor de Filosofia da Universidade de São Paulo

O *Édipo Rei* é uma peça singular, cujo enredo até hoje nos espanta por sua destreza e nos causa uma instigadora sensação de atualidade. É difícil não terminar sua leitura

Este texto foi escrito há algum tempo, como trabalho para um curso de pós-graduação de Literatura Grega, ministrado pela professora Filomena Hirata. Foi escrito em 1988, e revisado em 2001. Visto que se trata de mero exercício de leitura, em tom às vezes demasiado incisivo, a respeito de um tema merecedor de vasta e rica bibliografia, indiquemos alguns títulos apenas, na esperança de que o leitor se sinta convidado a familiarizar-se com o variado e fascinante mundo da tragédia grega. B. M. W. Knox: *Oedipus at Thebes*, New York, The Norton Library, 1971; R. P. Winnington Ingram: "The Second Stasimon of the Oedipus Tyrannus", *The Journal of Hellenic Studies*, v. xci, 1971; R. G. A. Buxton: "Blindness and Limits: Sophokles and the Logic of Myth", *The Journal of Hellenic Studies*, v. C, 1980; E. R. Monesillo: "Caracterización Psicológica del Personaje de Edipo", *Estudios Clásicos* 107, 1995; F. R. Adrados: "Edipo, Hijo de la Fortuna", *Estudios Clásicos* 104, 1993; R. L. Kane: "Oedipus Tyrannus, 1084-85; 'I'll not Deny my Nature?'" *American Journal of Philology*, v. 103, 1982; C. Carey: "The second stasimon of Sophocles' *Oedipus Tyrannus*", *The Journal of Hellenic Studies*, v. 106, 1986; M. W. Champlin: "Oedipus Tyrannus and the problem of knowledge", *The Classical Journal*, v. 64, n. 8, 1969; M. Ryzman: "Oedipus, *Nosos* and *Physis* in Sophocles' *Oedipus Tyrannus*", *L'Antiquité Classique*, t. LXI, 1992; K. Sidwell: "The Argument of the Second Stasimon of *Oedipus Tyrannus*", *Journal of Hellenic Studies*, v. cxii, 1992; J.-P. Vernant: "Ambigüidade e Reviravolta. Sobre a Estrutura Enigmática de *Édipo-Rei*", *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*, São Paulo, Perspectiva, 1999; F. Marshall: *Édipo Tirano – A tragédia do saber*, UnB, 2000; N. Bignotto: *O Tirano e a Cidade*, São Paulo, discurso editorial, 1998. O texto utilizado sempre (com exceção do termo *thymós* no verso 892) é o estabelecido por A.C. Pearson, Oxford, 1987 (primeira edição, 1924).

sem achar que estamos diante de uma obra precursora, que nos parece, quando olhamos para o pouco que restou dos poetas trágicos gregos, contribuir com algo novo. Mas o quê, exatamente, nos desperta essa admiração não é tão fácil exprimir com clareza. As considerações que se farão aqui sobre o sentido da palavra *hybris* tentarão, em suma, lançar alguma luz sobre os motivos dessa admiração.

É somente no estásimo central (863-910) que o termo *hybris* será utilizado, e apenas por duas vezes (873). Os versos que o compõem significam, sem dúvida, a mais crítica referência que o coro, formado por importantes cidadãos tebanos e cujas intervenções em geral se pautam pela moderação e sobriedade, faz a respeito de Édipo durante toda a peça. Este acabara de concluir, com Jocasta, pela ineficiência das predições oraculares; é que uma delas fora feita a Laio a respeito da sua morte e, por ela, Laio morreria pela mão de um filho de Jocasta — pela mão de seu próprio filho. Mas esse filho já estava morto antes da morte de Laio, lembra Jocasta: a sentença do oráculo está frustrada, e isso constitui um bom motivo para que não mais acreditemos em quaisquer previsões (851-8). O raciocínio que Jocasta desenvolve, nesse momento, para persuadir Édipo, se explica como uma tentativa de eliminar as preocupações que este passara a ter, em virtude de um oráculo segundo o qual mataria seu pai e teria filhos com sua mãe; preocupações que emergem por causa da tarefa que Édipo assumira cumprir: descobrir o assassino de Laio. Isso nos remete ao ponto de partida do enredo e a seu desenvolvimento. O esclarecimento da morte de Laio, a descoberta e punição de seu autor, é o que Apolo prescreve como remédio para o mal que aflige os tebanos, a peste. É preciso limpar a cidade dessa mancha — o crime contra Laio —, sem o que a peste manterá seus efeitos (95-107). E é nessa busca do criminoso que Édipo será levado a perceber a possibilidade de serem, afinal, o mesmo, esse crime e aquele do qual, ao dirigir-se em exílio voluntário a Tebas, ele próprio fora autor, matando um velho e seus ajudantes que se interpunham em seu caminho. Durante as inquietações que levam Édipo a considerar fortemente essa possibilidade e a tentativa de Jocasta de dissuadi-lo, ocorrerá aquela colocação em dúvida do valor das predições oraculares. E será somente após o estásimo em questão, quando chegar o mensageiro de Corinto, que tudo se esclarecerá: Édipo se descobrirá não somente o assassino de Laio, a sujeira que cumpria eliminar, mas também, ao tomar conhecimento de sua verdadeira ascendência, aquele que matou seu próprio pai e teve filhos com sua mãe. As conseqüências dessa trágica constatação são notórias e fecham o drama: cegueira e exílio.

O estásimo fará alusão direta à atitude desafiadora de Édipo e Jocasta para com os deuses, e isso parece ser seu "tema" explícito. Seus últimos versos mencionarão a recusa, por ambos, do oráculo dado a Laio (905-7), imediatamente alertando para o que isso significará: ruína de tudo que diz respeito aos deuses (910). Contra isso o

coro se posiciona desde o início do estásimo, contrapondo à instabilidade humana a fixidez e perenidade imutáveis das leis divinas (863-72) e manifestando sua completa aceitação da proteção dos deuses (881). No seio dessa tensão entre o divino que urge defender e o meramente humano que o fustiga, se descreve e critica um certo tipo de comportamento que, aparentemente, deve entender-se como uma caracterização "psicológica", ligada à recusa de Édipo e Jocasta das predições oraculares. Nesses versos, de caráter mais genérico, temos um conjunto de práticas cuja execução significaria mesmo a extinção do coro, a perda de sua razão de ser: arrogância nas atitudes e palavras, orgulho, ausência de temor de justiça, impiedade (884-96).

Não cabe aqui analisar o estásimo linha a linha, mas sim dele extrair observações pertinentes para o objetivo proposto. Se a censura do coro se refere à atitude injustificável de Édipo e Jocasta, ao recusarem de uma vez os oráculos em geral, a partir daquele dirigido a Laio, o coro pretende ilustrá-la e explicá-la por esse caráter que pinta na parte central do estásimo, onde se destacam os aspectos acima mencionados. E, contra isso, em defesa da cidade e de si mesmo, invoca Zeus e todos os valores divinos, pois é a permanência destes que está em jogo. Ora, são esses traços componentes do perfil de caráter que estaria fundamentando a nova posição de Édipo, à primeira vista extraídos da observação do comportamento da personagem, o que nos leva a nosso tema: deveremos identificá-los à *hybris*? O termo, de fato, surge no que parece ser o início dessa descrição, e não há dúvida de que seu significado só pode ser entendido a partir desse contexto.

O caráter exposto pelo coro, se, por um lado, se afigura a expressão sintética de um tipo humano no qual Édipo apenas se enquadraria como um exemplo possível, por outro, parece coletar alguns pontos negativos de sua personalidade em particular, que ao longo do drama se vinham apresentando, mas que o coro, até então, em nenhum momento permitiu valerem mais do que as recomendações positivas que Édipo conquistara à cidade. Ao resolver o enigma da Esfinge, Édipo salva a cidade e torna-se seu governante. E é como a um libertador (35) e salvador (39,48), primeiro e mais sábio dentre os homens (33,48), que a ele se suplicará que novamente alivie a cidade de sua dor. Ora, quando Édipo se revolta contra o divino, o coro não mais pode comungar com ele; e nessa discordância parecem voltar à tona algumas características e atos seus que o coro, em respeito e em consideração a seu salvador, antes preferira minimizar e que, mesmo depois, em face da situação trágica de seu soberano, deixará de lado, assumindo então uma postura compassiva e mesmo ainda grata (1186-1222, 1319-20, 1347-8). Nesse sentido podem relacionar-se o violento ato de Édipo na encruzilhada, onde mata Laio e seu grupo, e a referência, no estásimo, a quem "não obtém seu ganho de modo justo" (889). Da mesma forma, quando o coro, ao mencionar as imutáveis leis divinas no início do estásimo, pede ao

deus que a luta pelo bem-estar da cidade nunca deixe de ser sua (879-91), isso pode significar uma alusão ao fato de Édipo, em sua investigação sobre o assassinato de Laio, ter aos poucos deixado que seus motivos, interesses e sentimentos pessoais sobressaíssem. É o que parece ocorrer nas alterações de Édipo com Tirésias e Creonte: tamanha é a passionalidade que as envolve, de tal forma Édipo se deixa levar pela discussão, que parece mesmo esquecer o motivo fundamental dessa procura, libertar a cidade da peste. Isso pode aparecer aos olhos do coro, que chega mesmo a intervir na discussão entre Édipo e Tirésias, a fim de lembrar que o objetivo é resolver o oráculo prescrito por Apolo (406-7). Assim, quando afirma no estásimo que acima de tudo está o bem-estar da cidade, podemos entendê-lo como uma crítica a Édipo, que aos poucos se teria esquecido disso. Daí se entende também que o coro, ao iniciar seu discurso sobre a *hybris*, se refira a coisas "inoportunas" e "inúteis" (875) e que atribua às leis divinas, imunes à natureza mortal, não serem encobertas pelo esquecimento (868-71).

A *hybris* a que se refere o coro permite então, de início, ser pensada à luz dos atos que, explícita ou implicitamente, podem encontrar-se registrados no estásimo: não somente o desdém de Édipo e Jocasta para com os valores divinos, como também a violência revelada por Édipo no episódio da estrada, bem como sua progressiva perda, no decorrer de sua investigação, do sentido e móvel primeiros que deveriam norteá-la. Mas se podemos detectar aí a presença dessas situações e fatos que ajudam a melhor traçar o perfil edipiano, isso não basta para que obtenhamos o sentido completo e definitivo que se encerra na palavra *hybris*. Esta não se determina simplesmente por tais situações e atos, pois são apenas expressões de um estado que as explica e que se manifesta principalmente quando Édipo dialoga com Tirésias e Creonte: sua *cólera*. E também a esse respeito nosso estásimo apresenta importantes indicações: após mencionar as práticas ímpias, orgulhosas e injustas que é preciso combater, o coro acrescenta: "que homem ainda, nesse caso, se gabará de afastar da alma traços de *thymós*?" (892-4). *Thymós* é palavra de rico significado, que pode expressar a idéia de cólera e que aparece esporadicamente na peça (nos versos 674 e 914, e pelo verbo *thymoûn* em 344), ao que tudo indica como sinônimo de outro termo, este sim mais preciso: *orgé*, que ocorre com maior freqüência no texto, bem como o verbo correspondente (lê-se também *mênis* em 699). Desde o início da conversação com Tirésias, quando este se revela reticente e temeroso em responder a seus apelos e perguntas, Édipo dá mostras de sua inquietação (361), que logo será identificada por Tirésias como estado de cólera (337,339,344,364), o que Édipo imediatamente reconhece (345). Essa cólera aumentará na mesma medida em que Tirésias for revelando que Édipo é o assassino de Laio e todos os detalhes de sua maldição. Acompanhando esse crescente processo no qual Édipo se transfigura, o

coro comenta que ambos os interlocutores falam levados pela cólera (405) e, quando chegar Creonte, manifestará o mesmo julgamento, embora de modo mais reservado (523-4). Sua afirmação, no estásimo, será então apenas a retomada do que já estava observado. Além disso, o próprio Édipo declara, ao narrar os acontecimentos que o levaram a matar Laio, o estado de cólera em que se encontrava na ocasião (807). Isso mostra que, além de podermos explicar certas atitudes censuráveis de Édipo por meio de sua cólera, esta o tem acompanhado já há muito e deve ser considerada um aspecto importante na determinação de sua personalidade.

Tratar-se-á, então, de identificar *hybris* e *orgê*? Embora tentadora, talvez essa identificação não seja totalmente adequada. Se a cólera se mostra eficiente como justificativa para certos atos de Édipo que o coro parece censurar, sua constatação pode também ser entendida como um importante passo apenas, na busca do sentido correto de nossa expressão. Para a obtenção deste, será necessário entender o outro lado dessa cólera que, embora acompanhe Édipo durante boa parte do drama, de fato é apenas a face menos nobre daquilo que o torna, na peça, uma personagem singular.

Isso nos leva a uma outra característica do perfil "psicológico" de Édipo que se impõe durante vários momentos da peça. Ela se revela já naquilo que conferiu a Édipo, um estrangeiro recém-chegado, o poder na cidade: sua solução do enigma. Já de início, o leitor toma contato com seu feito inigualável. O sacerdote, ao pedir a Édipo que salve a cidade da peste, evoca tal proeza: sem nada saber e sem ser instruído por ninguém, Édipo resolve o enigma (35-8). O próprio Édipo, contra Tirésias, opõe à ineficiente adivinhação deste, incapaz que foi de resolver o enigma, sua capacidade de fazê-lo sem nada conhecer (396-8). E será o mesmo Tirésias, durante a discussão com Édipo, quem definirá, ainda que ironicamente, sua habilidade: Édipo é dito possuir uma natural excelência para descobrir o enigmático e o obscuro (339-40).

Porque demonstra reunir as condições necessárias, caberá a Édipo tentar resolver o outro enigma que se apresenta, aquele que envolve a morte de Laio. E isso fará da peça, afinal, uma grande investigação, uma busca incessante. Não é escasso no texto todo um vocabulário que expressa essa idéia, pelo qual a tarefa em questão é proposta como uma investigação, *zétema* (278), e no qual lemos em variadas formas o verbo correspondente, *zeteîn* (110,266,450,1112), bem como o verbo *skopeîn* (68,130,286,291). Toda a procura tenderá, obviamente, à descoberta — lê-se também o verbo *heurískein* (68, 108,440). Ora, o que importa notar é a maneira como Édipo levará a cabo essa investigação: um certo *método* parece sugerir-se. Ao assumir a tarefa e iniciá-la, Édipo pede que lhe seja dado algum "indício" (*symbolon*, 221), que servirá de ponto de partida. Da mesma forma, quando prestes a descobrir a verdade,

diz possuir suficientes indícios (*semeia*) para esclarecer sua origem (1058-9). Édipo está sempre à procura de novos dados que lhe proporcionem a solução — mesmo antes de assumir a tarefa de descobrir o assassino de Laio, procurava já coletá-los junto a Creonte: indaga sobre onde teria ocorrido a morte, se há testemunho ocular, os possíveis motivos, a causa do fim da investigação (112-31). A primeira preocupação de Édipo após conhecer, por meio de Creonte, a exigência de Apolo, é pelo "vestígio" do crime (108-9). E um único informe que Creonte lhe possa dar será já animador, pois "conhecer uma única coisa poderia descobrir muitas" (120). Tais dados devem ser, de preferência, relatos oferecidos por quem se achava presente no momento do acontecimento — é o testemunho empírico que importa considerar, é preciso buscar aquele que viu o ocorrido, não basta ouvir dizer (293). Assim, Édipo insistirá para que se encontre o pastor e servidor de Laio que estava presente na ocasião do crime, mesmo após a argumentação de Jocasta contra os oráculos (859-60). Essa era a última esperança de Édipo, envolto por tantas suspeitas, esperança que o coro reforça (834-7). Nada vale mais, aí, do que o dado visual. O poder do elemento sensível é, para Édipo, forte e se coloca acima de qualquer raciocínio que não se baseie nele. Contra Tirésias, Édipo lembrará sua cegueira, que o torna inofensivo a quem quer que veja a luz (374-5), e dirá mesmo que nele a verdade é fraca, pois sua cegueira é de todos os sentidos (370-1). E vale notar a observação de Édipo, à espera do servidor de Laio que tudo esclarecerá, ao avistá-lo de longe: sem ter tido antes qualquer contato com ele, Édipo, no entanto, conjectura que o homem que se aproxima é esse servidor, pois tem idade concordante com o esperado e está sendo conduzido pelos próprios servidores de Édipo. Mas cabe ao corifeu a palavra definitiva, pois já *viu* o homem (1110-16). E não será, afinal, esse valor concedido à sensibilidade, à visão em especial, o que motiva o ato de Édipo de vazar seus olhos? É para evitar a vergonha da visão de seus pais, no Hades, e de seus filhos, em vida, que o comete (1369-79). E, se pudesse, tornaria também ineficientes seus ouvidos, mantendo assim seu espírito afastado dos males (1386-90).

Todas as informações que se possam obter devem ser levadas em conta — não existe afirmação que não mereça exame (291). Mas isso não significa que o dado sensível seja suficiente: se consiste no ponto de partida adequado, caberá a Édipo arranjar, de maneira mais bem elaborada, os dados obtidos e vislumbrar o caminho para a solução. Ele não assumirá, então, o papel de mero receptáculo de informações que por si só forneceria a chave do enigma, mas sim será aquele que acrescentará a essas, às quais qualquer um pode ter acesso, um trabalho próprio. É assim que Édipo saberá o que é preciso para esclarecer se foi ele o assassino de Laio. Feitos os relatos de Jocasta sobre a morte deste e a respeito do que se diz sobre seu servidor, caberá interrogar este último em busca do dado decisivo. O número dos assassinos por ele

relatado esclarecerá toda a questão (842-7) — esclarecerá, ao menos, se Édipo foi o autor do crime. Há, aí, da parte de Édipo, uma postura "reflexiva", pela qual cabe operar os dados de forma, por assim dizer, "dedutiva" — se "uma única coisa permite conhecer muitas", é esse trabalho dedutivo que se sugere. Não há como deixar de considerá-lo uma personagem "analítica", que preza o argumento bem fundado e que se compraz mesmo em exercitar interpretações e conjecturas. O tempo todo, Édipo busca basear seu discurso naquilo que lhe parece razoável. Mesmo sua inquietação pela demora de Creonte, que vai consultar Apolo, tem motivos fundados: Creonte demora mais do que convém, sua ausência ultrapassa o razoável (73-5). Mesmo sua acusação a Creonte de que haveria, da parte deste e de Tirésias, um complô contra ele, formula-se segundo um raciocínio que não pode ser dito desarrazoado: Tirésias só mencionou Édipo como autor do crime recentemente — após entender-se com Creonte, pensa Édipo, e foi do próprio Creonte a sugestão de recorrer a Tirésias. A esse argumento, bem elaborado, ainda que calcado em bases incertas, Tirésias não pode oferecer resposta, e resta-lhe tentar convencer Édipo por outra via (555-75).

Com base nessas informações, que acrescentam um importante e essencial traço ao perfil edipiano, não é de espantar que, para nós, a personagem seja, de alguma forma, portadora de familiaridade especial. O método de investigação de Édipo torna-o, a nossos olhos, um "detetive", e a peça, uma trama "policial", perante a qual experimentamos a sensação de estarmos diante de uma construção moderna. Mas não é apenas ao de um detetive que podemos comparar o estilo do exame de Édipo; vale lembrar também de um outro tipo, afinal uma espécie menos visível de detetive: chamemo-lo *cientista*. A postura e as atitudes de Édipo em face das dificuldades que envolvem a questão a ser esclarecida podem ser interpretadas como um esboço metodológico de investigação "científica". Tomemos um exemplo: quando localiza no depoimento que dará o servidor de Laio a chave para a solução do assassinato, fornece a Jocasta uma explicação de seu raciocínio: se este disser que foram vários os assassinos de Laio, Édipo não será seu assassino; se disser ter sido apenas um, dadas as semelhanças constatadas, Édipo concluirá ser ele mesmo esse criminoso. Ora, o que de fato esclarece completamente esse raciocínio se diz numa frase que, à primeira vista, soa insignificante, por ser, afinal, um truísmo: "pois um único não poderia vir a ser igual a muitos" (845). Nesse momento da explicação é importante aludir a esse fato banal: ele faz aqui as vezes de uma "premissa", de caráter quase "axiomático", sobre a qual repousa toda a estruturação, por Édipo, de suas inferências, e que ele, ao modo de um investigador que pretende um rigor extremo, não pode deixar de anunciar.

Esse novo modo de encarar a personagem abre espaço para que se explorem um pouco mais seus caracteres essenciais. O rigor que Édipo propõe à sua investigação

é reflexo do rigor que impõe a si mesmo nessa busca. Após receber a notícia pelo mensageiro de Corinto da morte de Pólipo, que ele ainda julgava ser seu pai, Édipo tem todos os motivos para desdenhar de uma vez das predições oraculares e, de fato, o faz (964-7). Mas se seu pai está morto sem que ele possa ser dito o responsável direto, Édipo imediatamente imagina um *sentido possível* no qual poderia ser dito causa dessa morte: sua ausência pode ter levado a isso (969-70). E na seqüência lembrará que, se esse fato novo vem corroborar a argumentação com que Jocasta o convencera do infundado de todo oráculo, algo *que ainda pode ocorrer* não lhe permite aceitar definitivamente, como quer Jocasta, essa conclusão, pois sua mãe ainda vive e, por isso, há "necessidade" (*anáσke*) de temer (986). Isso é extremamente ilustrativo e importante na compreensão da personalidade de Édipo: detetive ou cientista, ele só pode aceitar o que é *indubitável* e *impossível de não ser*. Assim, se é correto dizer, como parece, que a personagem de Édipo significa, de certa forma, a afirmação de um "humanismo" — outro ponto que nos costuma atrair na peça —, em detrimento da completa subordinação às caprichosas determinações divinas, se não há dúvida de que, mesmo submetido ao destino traçado pelos deuses, Édipo sustenta uma postura autônoma de sujeito "ativo" que, criticamente, dita as normas de sua investigação, dizer que temos aqui alguma forma de "liberdade humana" só terá sentido se a entendermos como uma nova forma de submissão, agora à simples *necessidade dos fatos*. Se quisermos, então, entender os parâmetros que norteiam a prática edípica, deveremos lembrar que o que parece mudar é apenas o referencial da submissão: doravante, acima de tudo se colocam a realidade empírica e o sentido "lógico" possível.

Esse quadro se completa — e talvez faça a balança pender um pouco para o lado do cientista, antes que para o do detetive —, quando observamos que o rigor de Édipo se traduz numa inevitável ânsia pela obtenção dos verdadeiros fatos. Se o ponto de partida do exame foi a necessidade de satisfazer a exigência de Apolo, punindo o assassino de Laio para expurgar da cidade a peste, aos poucos, com o decorrer dos acontecimentos, misturar-se-ão esse motivo e a crescente obsessão de Édipo por descobrir sua real ascendência. E, não obstante ser somente com a chegada do mensageiro de Corinto que Édipo assume, de uma vez, essa obsessão como a sua real preocupação, já antes, quando Tirésias menciona sua condição real, Édipo o interroga sobre quem seriam de fato seus pais (437). Essa busca não verá diante de si qualquer obstáculo. De nada adiantam as súplicas de Jocasta, que, ao tomar conhecimento dos fatos novos trazidos pelo mensageiro, percebe toda a verdade. Édipo não pode conceber que, neste ponto das investigações e com os elementos já adquiridos, não consiga descobrir sua verdadeira origem (1058-9, 1065, 1077, 1085) e, quaisquer que sejam as conclusões, é preciso levar a cabo essa tarefa. Édipo

parece colocar acima do eventual conteúdo trágico desse desfecho a necessidade de esclarecê-lo e encontrá-lo. Assim, mesmo quando parece já pressentir, no interrogatório do servidor de Laio, sua desgraça, à menção por este de que sua resposta contém algo terrível de dizer, Édipo replica: "e a mim, é terrível ouvir; no entanto, é preciso ouvir (*akoustéon*)" (1170). Não será esta necessidade a mesma que o forçara a temer o fato ainda possível de gerar filhos com sua mãe? Aqui como lá, nenhum motivo de conveniência pessoal parece tomar o lugar da meta de obtenção da verdade.

O Édipo "encolerizado" é, então, ao mesmo tempo, o Édipo "analítico", "reflexivo", "crítico". Essa complementação, imprescindível, do caráter edipiano, traz novos elementos para a captação do correto sentido da *hybris*. Esses dois aspectos, à primeira vista totalmente conflitantes, podem, contudo, ser vistos por um prisma que os aproxima íntima e indissolivelmente. A cólera de Édipo se manifesta nas discussões com Tirésias e Creonte, mas as palavras que a expressam diretamente ocorrem com frequência no episódio de Tirésias, e apenas uma vez com Creonte, já no fim da polêmica, como que sintetizando o juízo deste sobre Édipo (*thymós*, 674). Ora, é importante observar os novos termos que parecem, agora, fazer referência ao estado de cólera. Defendendo-se da acusação de Édipo segundo a qual teria tramado com Tirésias, Creonte opõe que, em sua situação atual, goza, como irmão de Jocasta, de todos os privilégios do poder, sem sofrer seus malefícios, e que por isso não tem motivos para cobiçar o poder de Édipo. Essa argumentação termina com uma súplica: que Édipo não mais o acuse por meio de um "julgamento obscuro" (608). Essa súplica é bem vista pelo coro, que acrescenta, certamente pensando na atitude de Édipo: "os rápidos em pensar não inspiram confiança" (617). O próprio coro pedirá que Édipo não acuse Creonte com base num "raciocínio obscuro" (657). E no momento em que Édipo parece chegar ao ponto mais agudo de sua revolta, ordenando a Creonte que o obedeça cegamente, este acabara de opor-se afirmando: "não te vejo pensando bem" (626). Se nessas passagens se exhibe cólera edipiana, ela pode, então, ser entendida com o auxílio de vocabulário que nos remete àquele outro lado de sua personalidade: termos como "pensar", *phroneîn*, "julgamento", *gnóme*, "raciocínio", *lógos*, mostram que essa cólera que se apossa de Édipo em certos momentos redundava numa ação ineficaz das qualidades que faziam de Édipo, não apenas o mais indicado para a tarefa proposta, como também um tipo especial. Mas deveremos ver aí dois opostos que se alternam no espírito de Édipo e que reciprocamente se afastam à simples aparição do outro?

Durante o diálogo que precede a crítica que ambos farão aos oráculos, Édipo narra a Jocasta o episódio no qual matara Laio. O encontro ocorrera numa viagem pela qual, de vontade própria, Édipo se exilava de sua terra. Tratava-se de um modo

de evitar que se cumprisse seu destino — matar seu pai e unir-se a sua mãe. Essa predição fora feita quando Édipo consultara o oráculo de Delfos, a fim de esclarecer uma questão: alguém o chamara de "filho forjado" e, embora o autor da acusação estivesse bêbado e se tratasse de uma festa, isso o atormentou, a ponto de ir a Delfos, mesmo após esclarecer-se com seus pais. Esse pequeno episódio mostra a que ponto chega a determinação de Édipo: uma dúvida se instalou em seu espírito e ele a seguirá até onde for preciso. E a irritação com o acusador e o tormento causado são, aqui, o mesmo impulso que o leva a Delfos. Em outras palavras, parecem ser duas faces de uma mesma moeda a iniciativa para investigar, encontrar e resolver enigmas, e a propensão à cólera, que convivem em Édipo. Se assim for, se houver aí apenas duas ramificações de um mesmo tronco psicológico, a postura analítica de Édipo e seus acessos de raiva encontram um fundo comum. A cólera será apenas resultado de uma *mesma disposição* de que se gera a atitude reflexiva, no que tem de essencial: um modo de ser ativo e determinado, que não admite interferências. Quando em busca da verdade, Édipo se impõe tal atitude crítica rigorosa, que, de alguma forma, parece sujeita a desvios passionais quando ele depara com obstáculos. É o que Creonte parece dizer, novamente referindo-se à intransigência de Édipo: este é possuidor de uma "presunção desprovida de inteligência" (*authadían...toû nou khorís*) (549-50). A presunção, aqui, não seria algo em si mesmo *mau*: tratar-se-ia da postura altiva e autônoma do investigador que se conhece possuidor dos meios necessários para a obtenção da verdade a que visa. Ocorre que em certas situações ela se mostra insensata — acontece-lhe carecer de *noûs*, e é então que ela se faz *cólera*. Esta será, assim, apenas a face obscura e menos nobre dessa determinação, intelectualmente dirigida, em buscar a verdade. Édipo não seria o investigador que é, se não fosse também propenso a essas efusões passionais. Estas nada mais são do que percalços inerentes a uma personalidade cuja complexidade não permite separar seus elementos essenciais.

Será a partir dessa relação que poderemos compreender o sentido do termo *hybris*. A *orgé* de que Édipo é tomado se mostrara uma boa forma de reunir sob uma mesma rubrica os atos censuráveis a que o coro parecia aludir no estásimo. Vêmo-la agora intimamente associada à postura analítica que Édipo revela com frequência durante todo o drama. Se não se identificaram *hybris* e *orgé*, foi porque uma leitura mais atenta das linhas em que nossa expressão ocorre não o permitia. Toda a descrição dos comportamentos e atitudes que o coro condena, que aqui tentamos relacionar a algumas atitudes de Édipo, seguem-se imediatamente à afirmação: "a *hybris* gera o tirano" (873). Essa proximidade, não apenas espacial, mas também de sentido, justifica que pensemos na cólera de Édipo. A palavra, de fato, tem sempre o sentido de um excesso e costuma traduzir-se por "desmedida", "insolência", "orgulho". Mas

algumas observações poderão contestar ou, ao menos, matizar essa idéia.

A afirmação: "a *hybris* gera o tirano", faz-se em um momento do estásimo que ainda não se refere explicitamente a Édipo e Jocasta; trata-se de uma sentença de cunho geral, "abstrato", que não parece dizer respeito a Édipo somente, mas a todo "tirano". Este termo, por sua vez, freqüentemente traz consigo sentido negativo. Contudo, esse não parece ser o caso aqui. Se Édipo é *tyrannos*, por não ser naturalmente destinado ao poder que agora ocupa, ele mesmo chamará "tirania" (128) o poder em geral, e se referirá a Laio também como *tyrannos* (1043). O próprio Creonte, insuspeito a esse respeito, ao explicar-se a Édipo quanto a sua possível participação numa trama com Tirésias, diz ser melhor fazer "coisas de tirano" (*tyranna*) do que ser um *tyrannos* (588), e a seguir oporá mesmo *tyrannis* e *arkhé*, dizendo possuir a segunda e não aspirar à primeira (592-3). Aqui, a expressão parece significar a mera oficialização do poder, denotando antes o "cargó" a ocupar do que o poder a exercer. Nessas circunstâncias, o uso da expressão não parece obedecer a uma significação rígida — lembre-se que o próprio Édipo é chamado também *ánax* (103,276,286,631,650,689,834) e *basileús* (1202). Não havendo necessariamente sentido pejorativo no termo e tratando-se de uma referência genérica, essa *hybris* ganha significação inesperada. É que o texto não se refere a uma característica que *modifica* aquele que a possui: é dito, na verdade, que a *hybris* "gera" (*phyteúei*) o tirano, o que a torna, por assim dizer, uma característica "essencial" de todo *tyrannos*. Se assim é, poder-se-á dizer que a *hybris* significa algo *que não é por natureza mau* — e, em vez de pensarmos em "insolência" ou "desmedida", deveremos considerá-la como a expressão de um *destaque* que, a princípio, se vê neutro de valor. Será a seqüência do estásimo que descreverá uma situação em que a *hybris* se torna *negativa* — mas se trata aí, bem entendido, de uma situação *específica*, que talvez se deva entender, curiosa e paradoxalmente, como uma "exacerbação de *hybris*". Essa exacerbação dará início ao relato, pelo coro, dos aspectos condenáveis de caráter. E é nessa situação que a *hybris* se condena: "...se se empanturra (ei... *hyperplesthê*...) inutilmente de coisas inconvenientes e inúteis..". (873-4). Ora, pela cólera se explicarão, então, todos os atos que se seguem a essa situação de exacerbação — ela será essa exacerbação mesma, o que fará da *hybris* de Édipo *sua própria atitude analítico-reflexiva*, da qual a cólera se mostrara já apenas um desvio e deve, agora, ser compreendida como excesso.

Basta que lembremos os fatos. Se a *hybris* gera o tirano, o que conduziu Édipo ao poder? O fato de ter resolvido o enigma e detido a Esfinge, sem nada saber, guiado por sua *gnóme* apenas (398). O que gera Édipo-tirano é, assim, esse feito — vale dizer, aquilo que o permitiu: sua capacidade natural de descobrir, seu "método analítico", a *racionalidade* inerente a seu modo de conduzir a investigação.

A *hybris* de Édipo, como destaque agora *positivo*, sugere-se em alguns momentos do texto. No decorrer de sua altercação com Tirésias, Édipo invoca o que lhe é caro: "riqueza, poder e *arte superior à arte (tékhne tékhnes hyperphérousa)*" (380-1). Essa *tékhne* não seria justamente seu "método" para resolver enigmas, sua capacidade para investigar com sucesso? No mesmo sentido, imediatamente após a constatação da desgraçada condição de Édipo, o coro, lembrando os dias de glória, registra: "ele, após lançar uma flecha no mais alto ponto (*kath'hyperbolán*), obteve toda a felicidade" (1196-8).

Quais as conseqüências a extrair da observação da importância que possui, em Édipo e na peça como um todo, sua postura especialmente especulativa? Não se trata apenas de um componente a mais na elaboração da personagem, mas também de um importante instrumento para a exploração mais profunda do elemento trágico. O *Édipo Rei* não é apenas a efetivação dos fatos inevitavelmente traçados pelo destino — ao contrário, estes ocorreram *antes* da peça. É, todo ele, o acompanhamento e a narração do *reconhecimento* desses fatos, e tudo o que nele se faz e diz gira em torno de sua descoberta. Ora, o que parece haver de singular no caso do *Édipo* é que não chama nossa atenção apenas o momento desse reconhecimento, mas também o *modo* como se dá, o rico trajeto que leva ao momento crucial da descoberta. Isso traz resultados peculiares para os efeitos da tragédia sobre o espectador.

Para entender esses efeitos, lembre-se do que diz Creonte a Édipo, já no fim da violenta discussão que sustentam: "tais naturezas a si mesmas são, com justiça, as mais dolorosas de suportar" (674-5). Sem dúvida, Creonte se refere aqui à intransigência de Édipo tomado de cólera; vejamos, contudo, o que essa afirmação tem de mais genérico e profético. Sabemos já o que move a cólera de Édipo, e o que o tornará difícil de suportar, para si mesmo, será sua própria *physis* — vale dizer, sua *obstinação em render-se à verdade acima de tudo*. Estará aí, em sua *plenitude*, o elemento *trágico* da situação: não é apenas por ter feito o que fez, que Édipo será conduzido à sua desgraça; é também *por ser como é*, é em virtude de sua dedicação obsessiva e inflexível à busca da verdade, que Édipo *não pode deixar de ficar sabendo* do que há de miserável em sua existência, não concebendo sequer a possibilidade de evitar esse conhecimento, evitando qualquer tentativa nesse sentido — e isso, em verdade, *só faz aumentar a carga trágica da situação*. É curioso notar, então, a que leva a autonomia racional de Édipo: sua condição trágica não mais se explica somente por um destino divino previamente traçado, mas também, e principalmente, por *algo inscrito em sua própria natureza*.

Por esse raciocínio, a racionalidade edipiana não se entenderá somente como expressão artística de idéias sedimentadas na cultura da época. É razoável — e

provavelmente correto — dizer que Édipo representa, em ação, os traços gerais que caracterizam a "revolução intelectual" de caráter "humanístico" que alcançou seu ápice no quinto século, e que opera certo afastamento crítico dos valores e tradições mitológicas, bem como a afirmação gradativa e cada vez mais confiante de um *lógos* autônomo. Com uma personagem como Édipo, o poeta estaria como que buscando certa "harmonia" com a atmosfera intelectual, cujo efeito seria a obtenção de empatia mais intensa com o espectador. Ou, ainda mais, seguindo uma linha de interpretação que veria na tragédia um modo *didático* por excelência, essa racionalidade que acompanha Édipo deverá nos "informar" e "educar" no espírito desse "movimento" intelectual. Vale também considerar, contudo, os efeitos puramente artísticos que se obtêm. Se o *Édipo Rei* é talvez a tragédia que mais nos instiga, aquela na qual o elemento trágico se desenvolve com mais intensidade, isso parece dever-se a essa racionalidade inerente a Édipo, e a inclusão dos discursos argumentativos, das inferências e das conclusões, das réplicas e dos conflitos, significaria a utilização de meios, da parte do poeta, que contribuiriam para a melhor obtenção dos efeitos desejados. Antes que vejamos Édipo como um "modelo" que o poeta quer nos fornecer — apesar do verso 1193 falar de seu destino como *parádeigma* —, lembremo-nos de que, até certo ponto, essa atitude analítica não lhe é exclusiva: a peça é repleta de "argumentos" propostos pelas outras personagens. Já o sacerdote, no início, além de suplicar a Édipo que liberte a cidade da peste, apela a um outro expediente: se não o fizer, Édipo se arrisca a não ter a quem governar (54-7). Creonte elaborará uma extensa argumentação para mostrar que não lhe seria vantajoso tomar o poder a Édipo, e que não estaria, portanto, conspirando com Tirésias (579-99). E Jocasta não se opõe às predições oraculares sem motivo. Ao oráculo oferecido a Laio, opõe fatos que o desmentem, ou, melhor dizendo, que nesse momento ainda não foram revelados falsos: como o filho de Laio morreu três dias após nascer e Laio morreu na estrada, a predição não se cumpriu (707-15). O mesmo modo de argumentar se repete a seguir, na crítica definitiva a toda predição (851-8). O raciocínio de Jocasta é simples e se revela na censura que faz a Édipo: este "não conjectura, como homem sensato, o novo através do antigo" (915-16). Em outros termos, o oráculo de Édipo não merece consideração, se o oráculo de Laio se mostrou errôneo. Às deduções que Édipo demonstra seguir, Jocasta apresenta aqui, em contrapartida, por assim dizer e com a devida licença à palavra, uma pequena peça de "indução". Isso parece suficiente para mostrar que há um procedimento adotado, em diferentes escalas, pelas principais personagens; se Édipo será aquele que a adotará numa intensidade inédita, que significará o estabelecimento mesmo de sua "natureza" própria, tal procedimento expressará ainda um modo comum a todos de pôr em obra suas idéias e intenções.

Assim como mantém, em pleno quinto século, o tema do conflito entre os homens e as determinações divinas – com a vitória destas, porque se trata, em todo caso, da forma por excelência de acionar o mecanismo da tragédia –, o poeta vê nesse jogo dialético que se instaura com a emergência da nova razão mais um elemento, indispensável, na evolução de sua arte. Nesse sentido, o *Édipo Rei* significará a constatação de que, no momento mesmo em que esse *lógos* se desenvolve em seu terreno próprio, onde ainda germinam a retórica, a filosofia e a ciência, Sófocles o entende e explora em toda sua potencialidade *dramática*.

Resumo Este texto faz uma análise da obra *O Édipo Rei*, de Sófocles, procurando lançar alguma luz sobre os motivos da admiração ainda hoje por ela despertada.

Palavras-chave *O Édipo Rei*, *hybris*, tragédia, racionalidade.

Abstract This work analyses Sophocles' play *Oedipus King*, searching to clear out the reasons of our persistent amazement for it.

Keywords *Oedipus King*, *hybris*, tragedy, rationality.